

## RESENHA

Contemporary Sephardic identities in the Americas: an Interdisciplinary approach. Margalit Bejarano and Edna Aizenberg (eds). Syracuse, New York. Syracuse University Press, 2012.

Marta F. Topel\*

*Contemporary Sephardic identities in the Americas: an Interdisciplinary approach*, editado por Margalit Bejarano e Edna Aizenberg, é uma iniciativa importante em razão da lacuna existente na pesquisas sobre os judeus sefarditas. A publicação desta coletânea evidencia a demanda de estudos sistemáticos sobre um grupo tão diversificado e rico que, geralmente, é representado em trabalhos de cunho comunitário com um marcado viés apologético.

O livro está organizado em três partes que seguem uma ordem temática e abrangem a diversidade encontrada nas comunidades abordadas: os padrões migratórios, a criação de redes transnacionais, a recriação e reformulação dos seus repertórios culturais e literários e, obviamente, a história centenária de um grupo cujas múltiplas migrações ao longo dos séculos nos permitem pensar que, mesmo antes de as Ciências Sociais terem cunhado a categoria transnacionalização, os sefarditas constituíram diásporas eminentemente transnacionais.

Na primeira parte do livro: “Sephardim in the Americas: Community and Culture” nos encontramos com dois artigos que, de formas diversas, e tendo como universos empíricos realidades diferentes, elaboram uma historização dos sefarditas da América Latina (Margalit Bejarano) e da América do Norte (Jane Gerber, além de um texto assinado por Edna Aizenberg sobre a singularidade da literatura sefardita criada no cone sul. Os artigos de Bejarano e Gerber, cujo objetivo é ambicioso para um espaço tão pequeno, conseguem, mesmo assim, compartilhar com o leitor a saga dos sefarditas que de regiões diversas chegaram a diferentes países da América Latina e aos Estados Unidos, trazendo dados novos sobre os sub-grupos que compuseram essa imigração: desde os judeus de Alepo até os judeus dos Balcãs, de Rhodes, da Turquia e de Damasco, passando pelos judeus marroquinos e do Tanger. No seu texto, a Aizenberg se interroga sobre as especificidades da literatura sefardita

\*Atualmente é ms-5 da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Cultura Judaica, atuando principalmente nos seguintes temas: judaísmo, antropologia, religião, identidade étnica e etnicidade.

na América Latina. As conclusões são por demais interessantes, ao salientar, primeiro, o fato de que à diferença do ocorrido em outros contextos, os sefarditas que chegaram a essa região fizeram uma “reentrada” na matriz cultural e linguística ibérica que há séculos tinham abandonado. A segunda conclusão de Aizenberg está diretamente relacionada ao sentimento de pertencimento dos sefarditas ao território conquistado por espanhóis e portugueses e, talvez, também por conversos. A categoria “neo-sefarditas”, utilizada pela para referir-se aos judeus ashkenazitas que em épocas diferentes e de modos diversos fizeram uso do repertório cultural e linguístico sefardita em suas obras, constitui uma base profícua para futuras pesquisas.

A segunda parte do livro: “Ideological Divergence: Zionism, Religion, and Transnationalism” está composta por cinco artigos que indagam em diferentes aspectos da vida social, cultural, política e religiosa dos judeus sefarditas em Buenos Aires, no México e em Miami. Em seu texto sobre a aculturação dos sefarditas e dos judeus sírios nos Estados Unidos, Gerber traz exemplos sobre as diferenças no processo de adaptação de ambos os grupos à sociedade hospedeira e nos lembra um dado relevante que merece ser destacado: diferentemente dos imigrantes ashkenazitas, os imigrantes sírios e sefarditas, não só não sentiram qualquer animosidade em relação à terra natal, senão que ajudaram no financiamento de instituições locais a exemplo de hospitais na Grécia e na Turquia. O texto assinado por Raanan Rein e Mollie Lewis Nouwen tem como foco de análise o periódico *Israel*, fundado em Buenos Aires por judeus hispano-falantes do Marrocos em 1917. Entretanto, um dos objetivos centrais do artigo é de cunho metodológico: a crítica às pesquisas sobre os judeus na América Latina baseada, quase que exclusivamente, em dados de instituições judaicas. Para os autores, esta abordagem esconde e/ou desvirtua uma compreensão mais próxima da realidade desses grupos, já parte significativa dos judeus argentinos não mantiveram nem mantêm qualquer filiação ou vinculação institucional. Outra desvantagem destacada por Rein e Lewis Nowen sobre os estudos cujos dados provêm basicamente das instituições judaicas é que os mesmos estão fadados a desembocar em uma conclusão errônea: ashkenazitas e sefarditas viviam e vivem completamente separados, sem quaisquer relações no dia-a-dia e sem vínculos ideológicos. Em relação a isto último, o texto revela certo engajamento de grupos sefarditas com o sionismo na década de 1920 e 1930, ao mesmo tempo em que esmiúça um tipo singular de sionismo veiculado pelo periódico *Israel*: o apoio à criação de um Estado judeu na Palestina, porém, desestimulando a emigração dos judeus argentinos a o

futuro Estado. Para os autores, *Israel* foi um catalizador para a criação de uma identidade judaica argentina, mostrando até que ponto esse grupo concebia a Argentina como um lar nacional. Na sequência, o artigo de Susana Brauner faz uma análise dos judeus sírios em Buenos Aires, tendo como universo empírico os judeus alepinos e os judeus damascenos. Mais enraizados a uma visão de mundo tradicionalista e religiosa, o texto mostra as etapas seguidas pelos judeus alepinos de Buenos Aires até transformar-se em judeus ortodoxos. É interessante o papel do movimento israelense SHAS nesse processo. Liz Hamui Halabe, por sua vez, nos traz um panorama histórico dos judeus alepinos y damascenos y dos judeus sefarditas em México. De modo similar ao acontecido com os judeus analisados por Brauner, observamos a ortodoxização de grandes segmentos dos grupos pesquisados pela autora, que seguem uma tendência mundial. Os dados colhidos mostram que o retorno às raízes judaicas (fenômeno conhecido em hebraico como *teshuvá*) revela um padrão similar aos padrões encontrados em outras diásporas e em Israel: as gerações mais jovens são as que mais se sentem atraídas pelo judaísmo ortodoxo. Voltando ao norte, a partir de uma análise quantitativa, Henry A. Green contextualiza a situação dos judeus sefarditas em Miami no século XXI. Os complexos percursos migratórios desses sefarditas desembocam na construção de identidades múltiplas com múltiplas terras natais, sejam elas históricas ou míticas, sendo a memória um ingrediente fundacional na identidade desses grupos e em seu caráter transnacional. O segundo texto de Margalit Bejarano “From Turkey to the United States: The Trajectory of Cuban Sephardim in Miami” é uma incursão fascinante na diversidade de identidades coletivas dos judeus cubanos radicados em Miami. Mais uma vez, nos deparamos com a superposição de terras natais que servem de alicerce para a configuração da identidade dos judanos (Jewban): a mítica Sefarad, Turquia e Cuba, mostrando ao leitor como história, memória, cultura e mito se entrelaçam no dia-a-dia e na organização comunitária dos judeus cubanos de Miami. Não menos interessante é a ausência de Israel no mapa cognitivo de espaços judaicos significativos para esses judeus.

A terceira e última parte do livro leva por nome “Culture in Transition: Language, Literature, and Music”. No primeiro artigo, Monique R. Balbuena analisa a revitalização do ladino entre diferentes grupos de judeus sefarditas (escritores, poetas, acadêmicos, músicos), tanto na América Latina como nos Estados Unidos. De modo similar ao acontecido com o iídiche algumas décadas antes, a autora afirma que apesar de o *revival* do ladino ter outras dimensões, há nos dias de hoje um interesse relativamente difundido pelo ladino que

extrapola as fronteiras sefarditas para entrar no universo dos judeus ashkenazitas. Juan Gelman e Nicoïdski constituem exemplos paradigmáticos dessa tendência, denominada por Balbuena “Self-Sephardization”. As reflexões sobre as diferentes relações com a língua ladina que têm os ashkenazitas vis-à-vis os sefarditas e as razões para isso são um exemplo da profundidade e sensibilidade da análise. O artigo de Yael Halevi-Wise estuda duas obras da escritora judia mexicana sefardita Rosa Nissán no contexto literário judaico feminino mexicano, no qual os se destacam os nomes de Margo Glantz, Sabina Berman e Sara Sefchovich. A autora se debruça sobre várias questões, como a contribuição das obras de Nissán à literatura mexicana contemporânea, os problemas intrínsecos na tradução de suas obras (escritas em ladino) ao inglês, além de fazer um *racconto* pormenorizado sobre os diferentes tipos e usos da língua ladina ao longo dos séculos. O artigo que encerra o livro está dedicado ao papel da música sefardita em Quebec. Nele, Judit R. Cohen mostra um certo ressurgimento do ladino na região e, principalmente, seu uso entre alguns grupos de rock. A análise desse *revival* do ladino está diretamente relacionado com os padrões das novas ondas migratórias de judeus sefarditas ao Canadá. O artigo finaliza com uma classificação das músicas em ladino segundo gêneros que refletem a vida sócio-comunitária e cultural do grupo.

Apesar de o livro constituir uma importante contribuição aos Estudos Judaicos em geral e aos estudos sobre os judeus sefarditas em particular, acredito que ele apresenta alguns problemas. Assim, na introdução as editoras fazem uma aprofundada análise histórica, teórica e metodológica das múltiplas formas em que têm sido classificados os judeus do Oriente Médio e os sefarditas. Esse longo exercício tem o intuito de explicar e justificar a sua própria escolha, literalmente: “While conscious of the problematic use of the term Sephardic, the editors of this volume tend to accept the view presented by Papo, who, regardless of existing divergences, decided to consider “as Sephardim all those Jews whose religious rituals, liturgy and Hebrew pronunciation bear the imprint of a common non-Ashkenazi tradition, and who consider themselves to be part of the Sephardi world”. Entretanto, e ao longo dos artigos que fazem parte da coletânea, os autores lançam mão das categorias “judeus do Oriente Médio”, “judeus sírios”, “judeus turcos”, “judeus dos Balcãs”, “judeus sefarditas” e outras, mostrando as dificuldades de uma categoria que supostamente daria conta de representar os diferentes grupos e sub-grupos abordados. Na mesma linha, poderíamos cogitar, a modo de hipótese, o fato de os judeus alepinos, orgulhosos de sua herança cultural e propensos a separar-se, não só

da sociedade maior, mas também de outro grupos judaicos, não se sentirem representados pela categoria sefardita.

*Contemporary Sephardic identities in the Americas: an Interdisciplinary approach* é um livro tecido de casos que se cruzam, se mesclam e até em ocasiões se repetem, possibilitando que o leitor compreenda as singularidades de cada comunidade estudada e as suas diferenças. Isto último é de importância fundamental, uma vez que ajuda a desfazer o mito da suposta homogeneidade das comunidades sefarditas e do judaísmo sefardita.

Os casos apresentados no livro são uma interessantíssima amostra da grande diversidade de situações históricas, sociais e políticas analisadas por seus colaboradores, cujas múltiplas tradições nacionais e disciplinares enriquecem as análises, mostrando realidades desconhecidas e abordagens inovadoras. Com certeza, o livro em questão consolida a área na qual está inserido e se tornará um *must* para todos os pesquisadores interessados no estudo dos judeus sefarditas nas Américas.